

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

PATRICIA GABRIELA MACHADO BARBOSA

CAIXAS EDUCATIVAS DE EXPOSIÇÕES:

experiência de refiguração da narrativa acessível na relação Museu-Escola

Porto Alegre

2017

PATRICIA GABRIELA MACHADO BARBOSA

CAIXAS EDUCATIVAS DE EXPOSIÇÕES:

experiência de refiguração da narrativa acessível na relação Museu-Escola

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Bacharela em Museologia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty.

Porto Alegre

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Profa. Dra. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Karla Maria Müller

Vice-Diretora: Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Chefe: Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty

Chefe Substituta: Profa. Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenador: Prof. Me. Eráclito Pereira

Coordenadora Substituta: Profa. Dra. Fernanda Carvalho de Albuquerque

CIP - Catalogação na Publicação

BARBOSA, Patricia Gabriela Machado. Caixas
educativas de exposições: experiência de
refiguração da narrativa acessível na relação
Museu-Escola / Patricia Gabriela Machado Barbosa.
-- 2017.

62f. :il.

Orientadora: Jeniffer Alves Cuty.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Museologia. 2. Acessibilidade em Ambientes
Culturais. 3. Caixa educativa. 4. Narrativa
acessível. 5. Museu da UFRGS. I. Cuty, Jeniffer
Alves, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

Departamento de Ciência da Informação

Rua: Ramiro Barcelos, 2705

CPE: 90035-007

Tel./Fax: (51) 3316-5146 (51) 3308-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

PATRICIA GABRIELA MACHADO BARBOSA

CAIXAS EDUCATIVAS DE EXPOSIÇÕES:

experiência de refiguração da narrativa acessível na relação Museu-Escola

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharela em Museologia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty

Aprovada em: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty - DCI/UFRGS
Orientadora

Profa. Me. Denise Walter Xavier - DCI/UFRGS

Prof. Dr. Eduardo Cardoso – DEG/UFRGS

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar à minha querida e amada mãe, Fátima Machado Barbosa, que em todos estes anos de graduação sempre me deu apoio incondicional na busca dos meus objetivos para enfim alcançá-los. E também para os meus familiares que acreditaram em minha para conseguir meu tão sonhado diploma de ensino superior.

À minha orientadora, Jeniffer Alves Cuty, que sem sua ajuda e insistência em de sempre me dizer do meu potencial para conseguir escrever esta monografia, quando até eu não acreditava que seria possível.

Ao INCLUIR e toda sua equipe de servidoras e bolsistas e principalmente dos atendidos pelo núcleo que durante estes quase 5 anos de trabalho me ensinaram da importância da acessibilidade e inclusão e de que as pessoas com deficiência têm o mesmo direito de acesso ao ensino e cultura e que eles não são invisíveis.

Ao Museu da UFRGS pela oportunidade de realizar meu segundo estágio obrigatório curricular do curso de Museologia, que me possibilitou o contato com as caixas educativas acessíveis que são o objeto de estudo desta monografia.

À Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Elyseu Paglioli por me dar a oportunidade de levar a caixa educativa acessível para seus alunos, sendo esta uma experiência para mim maravilhosa e enriquecedora para a realização desta monografia e que levarei para a vida toda.

Aos professores do curso de Museologia, em especial a Vanessa Barrozo Teixeira Aquino e Ana Carolina Gelmini de Faria que, como minha orientadora sempre acreditaram no meu potencial e experiência com o tema da minha pesquisa para a produção desta monografia.

Aos meus colegas do curso que com sua convivência e aprendizado me deram muitas alegrias e da certeza em me tornar, Museóloga. E também aos funcionários terceirizados e os técnico-administrativos em Educação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação que sempre quando solicitado alguma ajuda, estavam com uma alegria estampada no rosto.

Aos professores Eduardo Cardoso e Denise Walter Xavier por aceitarem fazer parte da banca de avaliação e lerem meu trabalho contribuindo com suas experiências e conhecimentos.

“Deficiente é a sociedade incapaz de possibilitar os meios necessários para que todos os cidadãos tenham acesso à informação”

Gisele Pecchio Dias

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso se propôs a investigar de que forma acontece a refiguração, conceito cunhado por Paul Ricoeur, a partir da experiência da narrativa inclusiva acessível de caixas educativas de Museus em escolas. Esta pesquisa exploratória, sob abordagem qualitativa, tem como objeto de estudo as duas caixas educativas acessíveis do Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul das seguintes exposições, *Oretatapy: presença Mbya-Guarani no Sul e Sudeste do Brasil* (2011) e *12.000 Anos de História: Arqueologia e Pré-História do Rio Grande do Sul* (2013). A escola escolhida para realizar o campo-piloto foi a Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli da cidade de Porto Alegre, trabalhando com alunos com deficiência intelectual e síndrome de down. A pesquisa ressaltou a importância da relação do Museu da UFRGS com escolas especiais para serem levadas suas caixas educativas acessíveis de modo que alunos com deficiência tenham acesso ao acervo da instituição para difusão do conhecimento produzido na universidade. Conclui em uma reflexão das experiências produzidas no campo piloto, com sugestões de aprimoramento da caixa educativa acessível. Promovendo assim, a relação do Museu com escolas especiais e relacionando a isso com as políticas de acessibilidade da instituição museológica, para que este piloto que foi realizado aconteça mais vezes, possibilitando assim a difusão do patrimônio e conhecimento da universidade.

Palavras-chaves: Museu/Escola. Acessibilidade em ambientes culturais. Experiência. Refiguração. Narrativa inclusiva acessível. Caixas educativas.

ABSTRACT

This work of course completion has set out to investigate how the refiguration happens, a concept coined by Paul Ricoeur, from the experience of the accessible inclusive narrative of educational boxes of Museums in schools. This exploratory research, under a qualitative approach, has as object of study the two accessible educational boxes of the Museum of the Federal University of Rio Grande do Sul of the following exhibitions, Oretatapy: Mbya-Guarani presence in South and Southeast Brazil (2011) and 12,000 Years of History: Archeology and Prehistory of Rio Grande do Sul (2013). The school chosen to carry out the pilot field was the Special Municipal School of Elementary School Professor Elyseu Paglioli of the city of Porto Alegre, working with students with intellectual disability and down syndrome. The research emphasized the importance of the relationship of the Museum of UFRGS with special schools to be brought their educational boxes accessible so that students with disabilities have access to the collection of the institution to disseminate the knowledge produced at the university. It concludes in a reflection of the experiences produced in the pilot field, with suggestions of improvement of the accessible educational box. Thus promoting the relationship of the Museum with special schools and relating this to the accessibility policies of the museum, so that this pilot that has been held happens more often, thus enabling the dissemination of heritage and knowledge of the university.

Key words: Museum/School. Accessibility in cultural environments. Experience. Refiguration. Affordable inclusive narrative. Educational boxes.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Fotografia de parte da exposição no Museu da UFRGS..... | 18 |
| Figura 2 - Parte da exposição no saguão do Museu da UFRGS..... | 19 |
| Figura 3 - Fachada da escola..... | 25 |
| Figura 4 - Materiais da caixa acessível Mbya-Guarani..... | 32 |
| Figura 5 - Objetos da caixa acessível 12000 anos..... | 34 |
| Figura 6 - Interações dos alunos do Ciclo 1 | 38 |
| Figura 7- Alunos do Ciclo 3 interagindo | 40 |
| Figura 8 – Desenhos da Aldeia Myba | 41 |
| Figura 9 – Alunos dos Ciclos 1 e 3 interagindo | 42 |
| Figura 10 - Desenhos de Onça e Macaco | 43 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 - Objetos da caixa educativa acessível Mbya-Guarani..... | 32 |
| Quadro 2 - Objetos que compõem a caixa acessível da 12000 | 33 |
| Quadro 3 - Experiências produzidas pelo Ciclo 1..... | 37 |
| Quadro 4 - Experiências produzidas pelos alunos do Ciclo 3 | 39 |
| Quadro 5 - Experiências dos Ciclos 1 e 3 | 41 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 PRÉ-FIGURAÇÃO | 17 |
| 2.1 Exposições | 17 |
| 2.2 Museu da UFRGS: universo de pesquisa no âmbito universitário | 19 |
| 2.2.1 Políticas de acessibilidade do Museu da UFRGS..... | 21 |
| 2.3 INCLUIR – Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da PROGESP/UFRGS | 22 |
| 2.4 Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Elyseu Paglioli: universo de pesquisa no âmbito escolar | 24 |
| 2.5 Referencial teórico | 25 |
| 3 CONFIGURAÇÃO..... | 30 |
| 3.1 Configuração/produção das caixas acessíveis..... | 30 |
| 4 REFIGURAÇÃO..... | 35 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 45 |
| REFERÊNCIAS..... | 48 |
| ANEXO A – Autorização de entrevista de Lígia Fagundes | 51 |
| ANEXO B – Autorização de entrevista com o professor Eduardo Cardoso..... | 52 |
| ANEXO C – Solicitação par a realização da pesquisa da Escola Especial Elyseu Paglioli | 53 |
| ANEXO D – Material das ações educativas do Museu da UFRGS: A Caixa Educativa “Os Guarani Mbya” | 54 |
| ANEXO E - Material das ações educativas do Museu da UFRGS: A Caixa Educativa “Arqueologia” | 55 |
| ANEXO F – TERMO DE EMPRÉSTIMO DA CAIXA EDUCATIVA ACESSÍVEL | 56 |
| ANEXO G – Avaliação dos professores da caixa educativa Guarani-Mbya | 57 |
| APÊNDICE A – Transcrição da entrevista com a Lígia Fagundes | 58 |
| APÊNDICE B - Transcrição da entrevista com o professor Eduardo Cardoso.. | 62 |

1 INTRODUÇÃO

A acessibilidade se faz presente na minha vida acadêmica desde o ano de 2013 quando ingressei na UFRGS e ao INCLUIR – Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da UFRGS no qual sou bolsista há quatro anos e oito meses. E com esta experiência refleti de como a acessibilidade, principalmente em ambientes culturais, especificamente em Museus, é bastante importante. E com estas experiências, tendo contato com alunos e servidores técnicos com deficiência, na participação de eventos e cursos, suscitou assim a minha vontade de trabalhar com este tema e no decorrer destes quase cinco anos como graduanda e bolsista a ideia de pensar sobre acessibilidade em espaços museológicos se tornou cada vez mais forte.

Além desta experiência, durante minha pesquisa para esta monografia encontrei diversos trabalhos acadêmicos que vão ao encontro com meu problema de pesquisa, voltados mais na confecção de materiais acessíveis de exposições e não na experiência das pessoas com deficiência com estes produtos e quais suas percepções sobre estes materiais.

Sobre a escolha do objeto de estudo desta monografia, caixas educativas de exposições, além da experiência do estágio obrigatório no Museu da UFRGS, houve a motivação provocada pelo artigo dos autores, Carlos Silva, Claudia Aristimunha, Eduardo Cardoso, Lígia Fagundes e Maria Leitzke intitulado *Acessibilidade Cultural: A Caixa Educativa no Museu da UFRGS* (2014) que se encontra no livro, *Acessibilidade em Ambientes Culturais: Relatos de Experiências*. O artigo trata das parcerias feitas pelo projeto de extensão Acessibilidade em Ambientes Culturais com o Museu da UFRGS, as quais possuem o objetivo de possibilitar que, cada vez mais, diferentes públicos tenham acesso aos temas debatidos no museu. O texto publicado apresenta reflexões sobre uma destas ações: a caixa educativa acessível concebida com *audiodescrição*, material em *braille* e fonte ampliada da exposição *Oretataypy: presença Mbya-Guarani no Sul e Sudeste do Brasil*. Nele é citado que ela somente foi avaliada por pessoas cegas, com baixa visão e com deficiência auditiva para melhorar a oferta do material para posteriores demandas da caixa, mas

não apresenta este processo de avaliação das pessoas selecionadas para o aprimoramento desta caixa. Além disto, o projeto de acessibilidade do museu se exime de mostrar em qual ambiente esta caixa foi avaliada, considerando que, na minha compreensão, ela deve ser itinerante e deve sair dos “muros” do Museu e da UFRGS, pois é um patrimônio produzido pela instituição a ser usufruído pela sociedade.

Depois da escolha do objeto de estudo desta monografia realizei uma vasta pesquisa em repositórios acadêmicos¹ em universidades do país que já tivessem produzido pesquisas sobre produção de caixas educativas de exposições que tenha sido levada para fora dos muros dos museus sendo itinerantes e se as experiências produzidas foram relatadas nestes trabalhos, mas não encontrei algum que se encaixasse nesta perspectiva. Os trabalhos localizados foram de kits educativos que foram produzidos para posteriormente serem usados com os alunos em sala de aula. Com isto reforçando na importância da produção deste tema nesta monografia.

Tendo em vista esta trajetória brevemente narrada, como bolsista de acessibilidade, o tema desta monografia se construiu na acessibilidade em ambientes culturais com enfoque na acessibilidade atitudinal, que se revela por meio de programas e práticas de sensibilização e de conscientização das pessoas em geral.

O recorte da pesquisa é na ação educativa inclusiva, que consiste na concepção e no planejamento de ações educativas e nos recursos multissensoriais de apoio à mediação do objeto cultural² (as caixas a serem descritas mais adiante) considerando a diversidade e as necessidades específicas do público-alvo.

¹ Repositórios digitais pesquisados: **Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio (TESES - UNIRIO)**. Disponível em: <<http://ppg-pmus.mast.br/teses.html>>. Acessado em: 14 de julho de 2017. **Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio (DISSERTAÇÕES - UNIRIO)**. Disponível em: <<http://ppg-pmus.mast.br/dissertacoes.html>>. Acessado em: 15 de dezembro de 2017. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - USP**. Disponível em: <<http://www.theses.usp.br/?lang=pt-br>>. Acessado em: 15 de dezembro de 2017. **Repositório Institucional da Universidade Federal do Ceará**. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/>>. Acessado em: 15 de dezembro de 2017.

² Um objeto cultural caracteriza-se por sítios e monumentos arquitetônicos, arqueológicos, históricos e artísticos reconhecidos e protegidos por lei, e também os saberes populares, as cantigas de rodas, receitas herdadas das avós, as danças, músicas e brincadeiras de crianças, expressões artísticas e todos os aspectos que a cultura viva pode formar (FONSECA, 2011).

Meu objeto de estudo são as caixas educativas acessíveis. O universo desta pesquisa está compreendido nas narrativas acessíveis em formato de caixas educativas produzidas pelo Museu da UFRGS nas seguintes exposições: *Oretatapy: presença Mbya-Guarani no Sul e Sudeste do Brasil* (2011) e *12.000 Anos de História: Arqueologia e Pré-História do Rio Grande do Sul* (2013). A escolha destas duas caixas educativas ocorreu no momento em que realizei o segundo estágio obrigatório do curso de Museologia³, no qual o aluno propõe uma ação à instituição do estágio. Por diversos motivos, durante a realização do estágio, acabei não as usando, mas mantive a intenção de trabalhar com elas em algum momento. Com a monografia a ser elaborada, finalmente pude pensar sobre estas narrativas acessíveis e/ou inclusivas.

O problema da minha pesquisa se concentrou na caracterização da refiguração no âmbito da hermenêutica (leitura, apropriação e interpretação), que compõem a tríplice mimese, que aponta para o ato da leitura da narrativa que refigura e transforma o agir do leitor, conceito embasado na teoria da narrativa do filósofo francês, Paul Ricoeur. A experiência da narrativa acessível dos alunos de uma escola especial que tenha ou, no caso, que possa trabalhar com alguma das caixas acessíveis. Inicialmente, pensei em observar, descrever e analisar a relação de estudantes em uma escola que tivesse recebido a caixa educativa em algum momento, porém, a informação que obtive junto à coordenadora do setor educativo-cultural do Museu da UFRGS, Lígia Fagundes, foi de que, para minha total surpresa, nenhuma das caixas acessíveis havia saído do museu para este fim.

Diante desse impasse inicial, houve alteração na elaboração do problema de pesquisa e na sua condução metodológica, mantendo, no entanto, a refiguração como aspecto a ser investigado. A questão colocada, com isso é:

Quais as experiências produzidas através da refiguração da narrativa acessível da caixa educativa, *Oretatapy: presença Mbya-Guarani no Sul e Sudeste do Brasil* (2011)?

³ Estágio em Museus B – com duração de 150 horas/aulas, realizado no 2º semestre de 2016 sob orientação da Prof. Ana Celina Figueira da Silva e supervisão da museóloga Eliane Muratore. Para mais informações acesse a resolução 01/2014: FABICO UFRGS. Estágio obrigatório: Resolução 01/2014 – Estágio curricular. Porto Alegre: UFRGS 2014. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/Gra/museologia-1/comgrad-msl/estagio-obrigatorio-e-nao-obrigatorio>>. Acesso em: 15 de dez. 2017.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar a refiguração da narrativa acessível através de uma caixa educativa e as experiências vivenciadas pelos alunos com deficiência intelectual e síndrome de down com faixa etária entre 15 a 21 ano da Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Elyseu Paglioli, localizada na zona sul de Porto Alegre. Os objetivos específicos delineados nesta pesquisa foram:

- a) Realizar um campo piloto com as caixas interativas no ambiente escolar, promovendo, com isso, a difusão do conhecimento produzido pela UFRGS;
- b) Identificar as experiências da refiguração produzidas pelos alunos a partir da interação com a narrativa acessível da caixa educativa;
- c) Analisar, de acordo com as experiências dos estudantes, o aprimoramento da caixa educativa usada neste campo piloto para ser ainda mais acessível e, considerar, neste âmbito, as políticas de acessibilidade dentro da instituição museológica, o Museu da UFRGS.

O embasamento teórico desta pesquisa esteve concentrado nos seguintes autores: Paul Ricoeur com a tríplice mimese (Pré-figuração, Configuração e Refiguração) que está em sua obra, Tempo e Narrativa; Amanda Pinto da Fonseca Tojal, com a ação educativa inclusiva e objetos acessíveis, Marília Xavier Cury com a comunicação museológica, Walter Benjamin com os conceitos de experiência e narrativa e Maria Cecília Gabriele com o conceito de sociomuseologia.

A metodologia da pesquisa empregada se valeu do instrumento de roteiros de entrevistas semi-estruturadas, as quais foram feitas com a coordenadora do setor sócio-educativo-cultural do Museu da UFRGS, a historiadora Lígia Fagundes e com o professor Eduardo Cardoso, os quais participaram do processo de criação da primeira caixa educativa acessível. O campo piloto ocorreu na Escola Especial Elyseu Paglioli, levando a caixa educativa acessível para a interação com os alunos e, posteriormente, para análise das experiências produzidas.

Os capítulos seguintes desta monografia foram trabalhados considerando: 2.Pré-configuração que aborda as exposições nas quais nasceram as duas caixas acessíveis; o Museu da UFRGS e suas políticas de acessibilidade; o INCLUIR/UFRGS; a Escola Especial ElyseuPaglioli e o referencial teórico da

pesquisa. 3. Na configuração abordamos a produção das caixas educativas acessíveis, por meio da visão de dois agentes deste processo, sendo eles a coordenadora do setor sócio-educativo-cultural do Museu da UFRGS, Lígia Fagundes e o professor Eduardo Cardoso, do Departamento de Expressão Gráfica e Design (DEG/UFRGS). 4. A refiguração trata da descrição do campo piloto com a caixa educativa acessível no ambiente escolar e na identificação das experiências a partir dos processos de leitura, apropriação e interpretação da narrativa acessível pelos alunos com o meu objeto de estudo.

Nas considerações finais desta monografia trazemos uma discussão das experiências produzidas no campo piloto com os alunos da escola especial, e a partir disto com sugestões do aprimoramento da caixa educativa acessível trabalhada durante a pesquisa relacionando-as com as políticas de acessibilidade do Museu da UFRGS atualmente coloca em prática em sua instituição. Tendo em vista que ela não seja somente usada na comunidade acadêmica da UFRGS, mas fora dela (como em escolas especiais no âmbito municipal ou estadual), sendo itinerante para a difusão do patrimônio e conhecimento produzido pela universidade.

2 PRÉ-FIGURAÇÃO

Este capítulo apresenta aspectos relevantes do início da produção das duas caixas educativas acessíveis através das exposições das quais elas “nasceram”, sobre o Museu da UFRGS onde se encontram as duas caixas acessíveis e sobre as políticas de acessibilidade da instituição. Ainda relatamos o trabalho do INCLUIR, núcleo que me suscitou em trabalhar com o tema da acessibilidade. Fazemos uma breve história sobre a escola especial que foi escolhida para o campo piloto desta pesquisa e, por fim, trazemos os autores principais que auxiliaram na construção desta monografia.

Por pré-figuração entendemos é no sentido de representar a ação, pré-compreender que ocorre no agir humano: com seu sentido, sua simbologia e sua temporalidade. É sobre esse pré-compreender, comum ao poeta e seu leitor que se na sua composição de intriga e com ela a mimética textual e literária.

2.1 Exposições

As duas exposições que deram “vida” às duas caixas educativas acessíveis projetadas pelo setor educativo-cultural do Museu da UFRGS foram expostas entre os anos de 2011 e 2013. A primeira foi a *Oretatapy: presença Mbyá-Guarani no sul e sudeste do Brasil* (16/11/2011 – 1/06/2012) e foi uma parceria da UFRGS (Museu da UFRGS/PROEXT) com o Núcleo de Políticas Públicas para os povos indígenas da Secretaria de Direitos Humanos e Segurança Urbana da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA) e Museu do Índio do RJ/FUNAI. Os visitantes tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a perspectiva mbya-guarani em relação ao mundo – sua cosmologia⁴ – e como isso se reflete em suas atividades cotidianas.⁵

⁴ Cosmologia é o estudo do Universo como um todo. Esta ciência é um ramo da astronomia que se interessa pela origem, estrutura e evolução do Universo, bem como por possíveis cenários para o futuro do Universo. (Fonte: Site Astronomia - Cometas, Planetas, Estrelas, Universo, 2016).

⁵ Informações disponíveis em: <<https://www.ufrgs.br/museu/eventos/oretatapy-presenca-mbya-guarani-no-sul-e-sudeste-do-brasil/>>. Acessado em: 01/11/17.

Já a exposição, 12000 Anos de História: Arqueologia e Pré-História do Rio Grande do Sul (22/04/2013 – 14/03/2014) foi promovida pelo Museu da UFRGS e pelo Núcleo de Pesquisa Arqueológica do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, com curadoria da professora Silvia Copé, doutora em Pré-história e coordenadora técnica do NuPArq-UFRGS. Teve apoio da Sociedade Brasileira de Arqueologia, do Ministério da Cultura e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e patrocínio da Petrobras. Tendo como inspiração o ofício do arqueólogo, a mostra apresentou a História pré-colonial do Rio Grande do Sul.⁶

Figura 1 - Fotografia de parte da exposição no Museu da UFRGS



Fonte: *Site do Museu da UFRGS* (2011)

⁶ Informações disponíveis em: <<https://www.ufrgs.br/museu/eventos/12000-anos-de-historia-arqueologia-e-pre-historia-do-rs/>>. Acessado em: 01/11/17.

Figura 2 - Parte da exposição no saguão do Museu da UFRGS



Fonte: *Facebook* do Museu da UFRGS (2013)

2.2 Museu da UFRGS: universo de pesquisa no âmbito universitário

O Museu da UFRGS está vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade e foi fundado em 1984. Trabalha com a memória e a identidade da UFRGS e da cidade de Porto Alegre, seja por meio de exposições temáticas de caráter científico-culturais, seja como local para pesquisas em fontes fotodocumentais. Suas ações são alicerçadas em bases conceituais da área da Museologia, da Educação, da Memória e da História, tendo como pressupostos a preservação, a investigação e a comunicação. O Museu conta com um setor sócio-educativo-cultural que desenvolve diferentes ações, trazendo como foco uma visão interdisciplinar e de acessibilidade. Além disso, este setor apoia os professores e os

grupos no planejamento da visita aos espaços do Museu, por meio de recursos didático-pedagógicos.⁷

O setor sócio-educativo-cultural que é formado pela historiada Lígia Fagundes, pela museóloga Cidara Souza e graduada em letras Carla Silva, que realiza, promove e desenvolve projetos e ações educativas diversas. Executa tanto ações didáticas de apoio às exposições temporárias, como referentes ao acervo do Museu da UFRGS. Ao longo da história do Museu se destaca a formação de professores como uma das ênfases das ações educativas, materializada na elaboração de variados materiais educativos para educadores relativos às exposições apresentadas: *folders*, textos, caixas educativas para empréstimo, livros, catálogos das exposições, encartes em jornais, material disponibilizado através do *site* e cursos de formação. O público em geral sempre foi recebido com visitas mediadas realizadas por estudantes da universidade que atuam junto ao Museu e teve a sua disposição oficinas, palestras, cursos, seminários, lançamentos de livros, ciclos de filmes, apresentações musicais e teatrais.⁸

Diante desta descrição, trazemos a professora Maria Célia Teixeira (2006) para abordar as especificidades de um Museu Universitário (neste caso o Museu da UFRGS) que para ela são instituições museológicas com a importância de um espaço de produção e difusão do conhecimento, destacando seu papel na democratização dos resultados da produção científica, em várias áreas, bem como na participação das atividades de ensino e de extensão universitária. Portanto, sua função educativa é evidente, seja por atender às funções didáticas que motivaram sua criação e podem estar relacionadas ao setor ou departamento acadêmico ao qual está inserido, seja por sua função de preservação e comunicação do patrimônio cultural, histórico e científico da universidade.

⁷ Informações disponíveis em: <<https://www.ufrgs.br/museu/museu/>>. Acessado em: 18/12/17.

⁸ Informações disponíveis em: <<https://www.ufrgs.br/museu/museu/>>. Acessado em: 01/11/17.

2.2.1 Políticas de acessibilidade do Museu da UFRGS

Para análise das experiências produzidas a partir da refiguração da narrativa acessível da caixa educativa é importante apresentar as políticas de acessibilidade dentro do Museu da UFRGS. Obtive acesso a estas informações a partir do trabalho de conclusão de curso da Museologia de Carla Beatriz Menegaz (2015), no qual ela faz uma análise documental dos discursos de acessibilidade em Museus. A autora propõe ainda uma análise minuciosa sobre o regimento interno e o plano diretor da instituição. De acordo com Menegaz (2015), o plano diretor da instituição não possui um programa específico para a acessibilidade, mas destaca partes do plano que a contemplam: arquitetônica, comunicacional, metodológica, programática, instrumental e atitudinal. Serão descritos aqueles que consideramos importantes para a análise final da pesquisa, no qual faremos uma relação do que a instituição propõe na teoria para acessibilidade e o que ela faz na prática (em relação à caixa educativa acessível) (MENEGAZ, 2015, p.59-60):

Acessibilidade Programática: estabelecimento de parcerias com projetos da Universidade que visem promoção da acessibilidade nas atividades culturais do museu.

Acessibilidade Metodológica: o Plano Diretor aponta que deve haver uma aproximação entre o Museu e as escolas, no sentido de qualificar as atividades educativas que acontecem no museu, no âmbito da educação - não formal.

Acessibilidade Instrumental: No programa de Educação e Ação Cultural do Plano Diretor do Museu da UFRGS, indica a intenção de preparar e selecionar com a participação dos curadores das exposições os materiais didáticos utilizados nas ações pedagógicas do Museu, embora não especifique se estas ações referem-se à acessibilidade de públicos (escolares) com necessidades educativas especiais, como estudantes cegos e surdos que possam visitar o Museu.

Acessibilidade Atitudinal: Dentre os objetivos do Museu está o interesse em ampliar as atividades sócio-educativas à comunidade escolar e refere-se aos públicos na diversidade dos segmentos sociais, pode se depreender que o tema da inclusão em museus aparece como propósito. Embora no Plano Diretor não tenha nenhuma referência direta às pessoas com deficiência, a menção *respeito à*

diversidade, é um indicativo de que a instituição e o gestor, na definição dos objetivos neste documento, estão atentos a esta questão, que trata da diversidade de públicos.

No Plano Diretor do Museu da UFRGS, Menegaz (2015) verificou que não há uma forma mais específica de acessibilidade e suas dimensões. Apenas no que se refere às condições arquitetônicas do prédio do Museu, o qual passou por um processo de restauração e adaptação, como a instalação de elevador hidráulico que dá acesso ao mezanino e de porta de correr com abertura automática na entrada principal do Museu, ou seja, a acessibilidade sendo relacionada diretamente apenas à dimensão física. De acordo com a autora, na atual direção da instituição, o plano diretor deverá ser revisto e aperfeiçoado, considerando-se que é um instrumento de gestão que prevê sistematicamente sua atualização e adequação às novas demandas e à realidade do Museu.

Um dos indicadores de acessibilidade no Museu da UFRGS observados pela autora se refere às duas caixas educativas tratadas nesta pesquisa com materiais para apoio didático às escolas, no qual mediante a solicitação das escolas os professores poderão ter algumas delas por empréstimo por até um mês. Esta iniciativa de produzir estas duas caixas indica a atenção do Museu com a questão da acessibilidade em suas atividades culturais, e isto corresponde à acessibilidade instrumental, ao disponibilizar materiais pedagógicos que atendam as pessoas com deficiência visual.

2.3 INCLUIR – Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da PROGESP/UFRGS

O INCLUIR é parte importante na construção desta monografia, pois sem ele minha vontade de trabalhar com a acessibilidade e inclusão, não só nesta pesquisa como na minha vida profissional, não seria possível. Minhas funções como bolsista do setor são nas produções de materiais em fonte ampliada⁹ e em *braille*, em

⁹ Materiais produzidos para pessoas com baixa visão. (Fonte: Curso Escrita e Leitura Braille - FADERS, 2014).

acompanhamento de alunos em sala de aula e de guia-vidente, além de ter acesso sobre eventos e pessoas que trabalham com a acessibilidade.

Quando o INCLUIR surgiu dentro da Universidade não tinha o nome que tem atualmente e sua trajetória até a institucionalização do setor foi sendo aprimorada a fim de atender demandas não somente de alunos, mas da Universidade como um todo.

Sua história iniciou em 1997, com o ingresso de alunos surdos no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, diante do que se buscaram alternativas para viabilizar a permanência desses alunos surdos com a presença de tradutores intérpretes de Língua Brasileira de Sinais em sala de aula. Em 2001, foi fundado o *Núcleo de Pesquisa e Apoio a Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NAPNES)* que visava à inclusão social através da educação, tecnologia e profissionalização.

Em 2005, criou-se o *Setor de Apoio ao Aluno com Deficiência Visual*, com o objetivo de atender as demandas de pessoas com deficiência visual (inclusa no universo de deficiências sensoriais), de possibilitar o desenvolvimento integral, a inclusão social e a capacitação às pessoas que trabalham com essa população. Além disso, o setor buscava a realização de pesquisas na área de educação especial.

A partir 2006, a Universidade aderiu ao *Programa Incluir- Acessibilidade à Educação Superior*, as quais constituíram a formulação de estratégias para identificação das barreiras ao acesso das pessoas com deficiência à educação, decorrentes de cegueira, baixa visão, mobilidade reduzida, deficiência auditiva e da condição de ser surdo, usuário da Língua Brasileira de Sinais, nesta Universidade. As ações, desde então, visavam a eliminação de barreiras pedagógicas, atitudinais, arquitetônicas e de comunicação, possibilitando uma efetiva participação desses alunos na UFRGS.

Em julho de 2014, com a criação do Incluir – Núcleo de Inclusão e Acessibilidade buscou-se dar mais visibilidade e condições para que se ampliem e consolidem as ações que vinham sendo realizadas, através de estratégias voltadas

às pessoas com deficiência na comunidade universitária, garantindo condições de equidade de acesso ao conhecimento, ao desenvolvimento profissional e cultural.¹⁰

2.4 Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Elyseu Paglioli: universo de pesquisa no âmbito escolar

A escola foi à primeira unidade especial municipal de Porto Alegre, fundada em 1988 para atender alunos com deficiência mental. Nesta época, houve vários movimentos da comunidade do bairro Cristal, que não desejava ter em suas proximidades uma escola para “anormais”, o que poderia até desvalorizar os imóveis da região. No ano de 1995 foram iniciados os “projetos de Integração” na escola, os quais ofereciam vagas para alunos “normais” da comunidade nos cursos oferecidos até então para os alunos matriculados na escola – cursos de máscaras, de teatro, de dança, de artes plásticas, de jovem cientista, de vôlei e de educação ambiental.

Neste mesmo ano, foi constituído o Projeto de Trabalho Educativo, com o objetivo de integrar os alunos das escolas especiais em experiências de trabalho.

Em 1996, o Projeto de Integração estendeu-se para a Educação Infantil. Crianças da comunidade na faixa etária de 4 e 5 anos passaram a frequentar as atividades do 1º ciclo, inicialmente em uma turma-piloto e posteriormente na totalidade das turmas. Tais projetos se edificaram com o objetivo de efetivar o que no Regimento Escolar é denominado “desagregação” de sujeitos com algum tipo de deficiência, assim como do espaço da escola especial na comunidade, possibilitando que, através das ações educativas e das relações sociais ampliadas e aprofundadas possa construir conhecimento, desenvolver a cidadania e reinventar as formas de interação e convivência com as diferenças. E hoje a escola faz atendimento de 0 até 21 anos, oferecendo Complementos Curriculares de Expressão, Som e Movimento, Artes, Fotografia, Máscaras e Jogos Teatrais.¹¹

¹⁰ Informações disponíveis em: <<https://www.ufrgs.br/incluir/servicos/>>. Acessado em: 01/11/17.

¹¹ Informações disponíveis em: <www.websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas>. Acessado em: 28/08/17.

Figura 3 - Fachada da escola

Fonte: *Blog da Escola* (2013)

2.5 Referencial teórico

Esta monografia se caracterizou em uma pesquisa com abordagem qualitativa de cunho exploratório. A técnica empregada foi a coleta de documentação direta, tendo como abordagem a pesquisa descritiva, com fontes de informação através de estudo de campo e pesquisa participante.

Numa pesquisa científica a escolha entre uma abordagem qualitativa e uma quantitativa não pode ser definida simplesmente como uma opção pessoal do pesquisador a questão que fundamenta esta escolha refere-se à especificidade do objeto de conhecimento, que é o ser humano e a sociedade (MINAYO, 1996, P.36).

Ao pesquisador que se lança a realizar uma pesquisa social, apresenta-se o dilema “[...] contentar-se com a problematização do produto humano objetivado ou de ir a busca, também dos significados da ação humana que constrói a história. É um desafio na busca de caminhos” (MINAYO, 1996, P.36).

Esta monografia foi concebida considerando-se três fases no processo de um trabalho científico: fase exploratória, trabalho de campo e análise e tratamento das experiências produzidas no meu objeto de estudo.

A fase exploratória compreendeu a pesquisa bibliográfica de autores que conversassem com o meu problema da minha pesquisa. E com esta pesquisa os conceitos usados foram a tríplice mimese que está no livro *O Tempo e Narrativa* do filósofo francês Ricouer (1994). Esta é considerada a obra magna do autor e trata-se de uma trilogia. O volume I foi o texto trabalhado neste estudo. Neste volume é a narrativa que torna acessível a experiência humana do tempo, o tempo só se torna humano através da narrativa. Tojal em sua tese sobre políticas culturais de inclusão de públicos especiais em museus (2007) traz o conceito de ação educativa inclusiva que seja comprometida com os processos de inclusão sociocultural e educação não formal. Cury (2005) com a comunicação museológica sobre o papel importante do museu enquanto canal de comunicação com público sendo apresentado através de mediação, aplicado tanto no espaço expositivo como na ação educativa da exposição. Benjamim (1985) que em livro, *Magia e técnica, arte e política*, trabalha com os conceitos de experiência e narrativa e Gabriele (2014) com o conceito de sociomuseologia relacionando o Museu com a sociedade e a importância das comunidades terem acesso ao patrimônio cultural dos museus.

O conceito de Ricouer usa em sua obra, *Tempo e Narrativa* (1994), apresenta o “círculo hermanêutico”, que é um processo na compreensão não de dois momentos distintos, mas complementares: narrativa e temporalidade. Ele consiste por Mimese I (prefiguração) que seria a referência que precede a configuração textual, Mimese II (configuração) o momento da composição textual e Mimese III (refiguração) que aponta para o ato da leitura da narrativa que refigura e transforma o agir do leitor. O que está evidenciado nesta monografia são as Mimeses II (configuração) e Mimese III (refiguração), pois a partir da criação das caixas educativas acessíveis e no contato do aluno com elas, esse aprendiz “recria” esta narrativa a partir de sua leitura/experiência. Mas esta leitura da narrativa feita pelo aluno pode ser refigurada diversas vezes por ele mesmo, pois a cada forma diferente de apresentar esta leitura, vai apresentar novas formas da refiguração das caixas educativas acessíveis propiciando assim novas experiências. Ricouer (1994)

trabalha o conceito de configuração e refiguração a partir do texto e sua relação com o leitor.

Para Cury (2005) a ideia de comunicar sempre esteve próxima ao museu. O ato de comunicar está ainda associado ao de expor uma exposição, mas, com a aproximação do museu com a comunicação na sua forma, propicia outras ações de interação entre o público e o museu. A ideia tradicional de comunicação museológica está na obtenção de conhecimento por meio da visita ao museu, considerando o essencial de uma exposição. A ação educacional no museu é o conteúdo e a forma por meio da qual a aprendizagem deste conhecimento está apoiada, em quem propôs a exposição e na experiência do público, bem como no circuito expositivo. Já no modelo emergente, uma visita pode dar múltiplas experiências e o essencial desta ação museológica está no diálogo desta experiência durante a visita. O museu é uma instituição na construção de uma realidade simbólica por meio do patrimônio musealizado. É seguindo esta linha emergente que utilizo a experiência do público/alunos com as caixas educativas como patrimônio da Universidade, não ficando restrito somente ao museu, sendo estas caixas itinerantes.

Para Benjamin (1985), a experiência e a narrativa estão entrelaçadas uma com a outra. A experiência se relaciona com a memória, com aquilo que é passado de geração em geração, aquilo que tem o peso da tradição e que, por se situar no âmbito da transmissão geracional, permite-nos relacionar seu conceito com a educação. Segundo o autor, a experiência é a transmissão de histórias pela narração e ela acontece na interação. Portanto, esta ideia nos leva a relacionar o ato de transmitir como um ato educativo, formativo.

Sobre narrativa, um dos fatores que a possibilitam, é na existência da experiência, que se torna legítima através da própria oralidade. Nesta transmissão de experiência, através da presença do narrador, legitima-se o caráter sociocultural de uma relação que se estabeleça entre os envolvidos nessa trama, pois há nesta narrativa a identificação participativa. Na busca de tornar prática as ações, o narrador tem como propósito partir do que há de significação em sua trajetória de vida. Diante disto, torna-se claro o papel do narrador como instrumento que tem condições de auxiliar na constituição educacional do sujeito que é chamado a ouvir, adquirindo elementos que formam seus pensamentos para entendimento do mundo.

Esta compreensão só é possível mediante a aquisição e reelaboração do conhecimento. Ao realizar a narração da própria experiência, possibilita-se que haja um ato de educar, que não está na simples transmissão de conteúdo, mas, sim, num desenrolar de vidas, que se tornam pertinentes nestes momentos de interação.

Sobre a sociomuseologia, Gabrieli (2014) traz a constatação que o museu tem a missão de ser um meio facilitador de desenvolvimento e transformação social, tomando para si a tarefa com base nas ciências sociais, procurando fomentar por meio de atividades pedagógicas e educacionais práticas reflexivas sobre o patrimônio cultural (caixa educativa). O “diálogo” entre o homem e o objeto musealizado depende da abordagem escolhida pelos profissionais do museu para intermediar a ação. Quando os museus passam da condição passiva de meros expositores e ganham as ruas, no sentido de conquistar as pessoas, ganham também vida, reciclam-se, renovam-se e podem participar ativamente da formação de cidadãos mais comprometidos com seu patrimônio. Se o grande mediador entre o homem e o objeto, no processo museológico, é a linguagem expositiva, é ela que vai determinar o que o objeto tem a “falar” de si mesmo, de sua função e de sua importância. Por isso, a instituição museológica não pode estar separada da vida e da realidade, pois reconhece como um de seus papéis fundamentais a difusão de conhecimentos. Na sociomuseologia, essas questões são componentes básicos para a construção deste modelo de museu mais comprometido com a sociedade.

Tojal (2007), por sua vez, em *A Arte e Inclusão*, que trabalha em projetos na produção de materiais táteis e com outros recursos. Tojal foi uma das minhas inspirações em trabalhar com acessibilidade em museus devido a sua vasta experiência. Tojal (2007 *apud* Mendes 2002, pág. 64), “A inclusão estabelece que as diferenças humanas sejam normais, mas ao mesmo tempo reconhece que a escola atual tem provocado ou acentuado desigualdades associadas à existência de diferenças de origem pessoal, social, cultural e política, e é, nesse sentido, que ela prega a necessidade de reestruturação do sistema educacional para promover uma educação de qualidade a todas as crianças”. Trabalho com seu conceito de ação educativa inclusiva que para Tojal deve conter todos os pressupostos apontados como fundamentais por Mendes (2002, pág. 64), isto é, elementos que perpassam os paradigmas da construção de uma educação racional, responsável e responsiva no âmbito da educação não-formal e mais especificamente do espaço museológico.

Que esta ação educativa inclusiva tem que estar vinculada ao setor educativo do museu e deve estar em sintonia com as necessidades do seu público e da sociedade em que esta instituição está inserida.

3 CONFIGURAÇÃO

As caixas educativas são um meio de comunicação museológica do Museu com seu público. Este objeto cultural vai além da sua função tradicional, isto é, não precisa da exposição exposta para alcançar sua função de interagir com o sujeito-receptor (o público que usa a caixa fora do Museu). Para Cury (2005, p.88),

“A comunicação museológica é operada pela linguagem dos objetos, mas se efetiva na interação entre o museu e o público sobre o significado se propõe, se aprende, se reelabora e se negocia.”

Com isto se propõe um redimensionamento do processo comunicacional e, conseqüentemente, uma nova condição da relação entre os sujeitos, emissor (Museu com as caixas) e o receptor (os alunos experimentando a caixa), partindo daí um novo paradigma comunicacional de proporcionar uma maior interatividade entre o objeto museológico e seu público, não ficando fadado aos visitantes terem somente na exposição interação aos objetos do museu, mas fora dele.

Apresento neste capítulo, o início da produção das duas caixas educativas acessíveis entrelaçando com os relatos de duas pessoas que participaram da produção da primeira caixa acessível (a entrevista transcrita por completo encontra-se nos apêndices A e B), e com isto o motivo da minha pesquisa na escola selecionada como piloto (minha pesquisa propõe a instituição que faça a caixa circular em escolas especiais).

3.1 Configuração/produção das caixas acessíveis

A primeira caixa produzida foi da exposição, *Oretatapy: presença Mbyá-Guarani no sul e sudeste do Brasil*, e os objetos que constam dentro dela estavam expostos durante sua exibição. A produção da caixa acessível surgiu junto com o projeto das caixas educativas e, neste período, o Museu da UFRGS já vinha trabalhando com a acessibilidade na instituição com um grupo de acessibilidade proposto pelos professores Eduardo Cardoso e Jeniffer Cuty, entre os anos de 2011 e 2012. A exposição Mbyá-Guarani ocorreu em 2011 e a caixa foi feita depois disto, em função de estarem em diálogo com este grupo de acessibilidade.

O que ajudou na produção da primeira caixa foram os elementos da exposição *Oretataypy: presença Mbyá-Guarani no sul e sudeste do Brasil*, pois tinham muitos animais em madeira, cestaria guarani, chocalho e colar, todos táteis. A descrição dos animaizinhos foi feita em formato de ficha a ser lida pelo professor/educador enquanto o aluno toca. Os vídeos que estavam na exposição receberam audiodescrição¹², produzida pela empresa Mil Palavras. Foram feitos materiais em *braille*¹³ e fonte ampliada em parceria do INCLUIR com a descrição do formato da caixa e dos animais em madeira.

Após a sua produção ela somente foi avaliada pela funcionária com deficiência visual do Museu de Porto Alegre José Felizardo, Márcia Santos, no qual desta experiência surgiu o artigo, *Acessibilidade Cultural: A Caixa Educativa no Museu da UFRGS*. Com sua avaliação foram modificadas algumas peças na caixa para atingir seu público-alvo. Desde então a caixa acessível não saiu para alguma escola para ser usada por alunos com deficiência, e isto somente acontece através do meu piloto na escola especial Elyseu Paglioli.

¹² A audiodescrição (AD) é um recurso de acessibilidade que amplia a compreensão e a participação das pessoas com deficiência visual. Esse recurso consiste na tradução das imagens em palavras, por meio de uma descrição objetiva, que em conjunto com as falas originais, permite a compreensão integral do conteúdo. (Informações disponíveis em: <<http://audiodescricao.com.br/ad/o-que-e-audiodescricao/>>. Acessado em: 21/01/18).

¹³ O braille é um sistema de escrita e leitura tátil para as pessoas cegas, criado por Louis Braille na França em 1854. Este sistema consta do arranjo de seis pontos em relevo, dispostos na vertical em duas colunas de três pontos cada. Os seis pontos formam o que se convencionou chamar "cela braille".

(Informações disponíveis em: <<http://www.apadev.org.br/pages/workshop/Osistemabraile.pdf>>. Acessado em: 21/01/18).

Quadro 1 - Objetos da caixa educativa acessível Mbya-Guarani

| Objetos presentes na caixa educativa acessível <i>Mbyá-Guarani</i> | |
|--|--|
| <p>2 Cestos de trama de palha;</p> <p>1 Colar, 1 Chocalho e 1 kit com 10 postais.</p> <p>Esculturas em madeira (1 unidade cada):</p> <p>Tartaruga, Tatu, Tamanduá, Papagaio, Onça, Macaco, Tucano, Coati.</p> <p>1 Ficha de avaliação e 1 Folha com grafisco Mbya-Guarani.</p> <p>1 Livro Curumim contou e 1 Caderno de atividades “conhecendo a cultura Mbya-Guarani. Museu da UFRGS.</p> <p>1 Folder de artesanato BR116/RS Mbyá-Guarani.</p> <p>1 Livro “Presença indígena na cidade: reflexões, ações e políticas”, Rosa Maris et. al;</p> | <p>1 DVD “A mata é que mostra nossa comida/Os seres da mata e sua vida como pessoas”;</p> <p>1 DVD “Duas aldeias, uma caminhada”,</p> <p>1 livro com CD “Yvy Poty, Yva`á Flores e Frutos da Terra”;</p> <p>1 livro “Diversidade e Proteção Social: estudos quantitativos das populações de Porto Alegre (afro-brasileiros, coletivos indígenas, crianças, adolescentes e adultos em situação de rua e remanescentes de quilombos)”;</p> <p>1 livro “Coletivos Guarani no Rio Grande do Sul, territorialidade, interetnicidade sobreposições e direitos específicos”;</p> <p>1 Livro “Os campos do sul”, de Valério de Patta Pillar e Omara Lange – Porto Alegre: Rede Campos Sulinos – UFRGS 2015;</p> |

Fonte: Informações retiradas do *site* do Museu da UFRGS (2017)

Figura 4 - Materiais da caixa acessível Mbya-Guarani

Fonte: Barbosa (2017)

Na caixa da exposição, *12000 Anos de História: Arqueologia e Pré-História do Rio Grande do Sul*, diferentemente da Mbyá-Guarani, os materiais foram feitos especificamente para esse uso. Ela já vem de um projeto que pensou além da exposição, ter sua própria caixa educativa. O Museu da UFRGS já tinha noção que o material seria outro. Foi pensado na confecção de mapas - sobre a dispersão do homem moderno e as três ondas migratórias do Rio Grande do Sul -, se teria ou não réplicas. Conseguiram fazer réplicas em resinas, então não é o mesmo material da exposição, é uma síntese da exposição. O material acessível começou a ser feito pelo INCLUIR em 2013, como fichas com descrição dos materiais, sendo uma demanda bem extensa, mas infelizmente não foi ainda finalizado.

Com estas informações que me foram repassadas através da entrevista com a coordenadora do setor sócio-educativo-cultural somente a caixa Mbyá-Guarani está acessível e a 12000 está por finalizar. Então por este motivo não pude trabalhar com ela na minha pesquisa, que era minha intenção inicialmente. Abaixo a descrição dos objetos da caixa e imagens da mesma.

Quadro 2 - Objetos que compõem a caixa acessível da 12000

| Objetos da caixa acessível <i>12000 Anos de História</i> | |
|--|---|
| 1 Mapa “As três ondas migratórias do Rio Grande do Sul” em tecido; 1 Mapa “A dispersão do homem moderno” em tecido; 3 cartões “A dispersão do homem moderno”; 1 Catálogo da Exposição 12000 Anos de História; 1 DVD “12000 Anos de História: Arqueologia e Pré-História no Rio Grande do Sul”; 1 Flashdrive contendo o vídeo “O ofício do Arqueólogo”; 1 Formulário de avaliação da caixa educativa; | 1 Livro “Patrimônio Socioambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí / André Benites (et.al) Porto Alegre: Via Sapiens, 2013; 1 Caixa de réplicas contendo: - 2 réplicas de ponta de lança dos Caçadores e Coletores do Pampa; - 1 réplica de ponta de flecha dos Caçadores e Coletores do Pampa; - 1 réplica de raspador; - 1 réplica de ponte de cerâmica Tupiguarani; - 4 cartões descritivos das réplicas. |

Fonte: Informações retiradas do site do Museu da UFRGS (2017)

Figura 5 - Objetos da caixa acessível 12000 anos



Fonte: Barbosa (2017)

4 REFIGURAÇÃO

Depois das etapas da pré-figuração (exposições) e configuração (caixas) chegamos à última etapa do círculo hermenêutico de Ricoeur, a refiguração (a leitura dos alunos sobre a caixa acessível). A escola escolhida para realizar meu piloto com a caixa acessível foi a Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli, por ser a primeira escola municipal especial da cidade de Porto Alegre e por ter alunos com diferentes tipos de deficiência e estar na faixa etária de jovens adolescentes, assim tendo uma participação maior deles para os resultados desta pesquisa. As experiências produzidas pelos alunos serão colocadas em quadros para melhor compreensão e serão discutidas nas considerações finais.

Para dar início à realização da pesquisa, entrei em contato com a escola em agosto para a possibilidade de uma parceria para a produção desta monografia. A resposta de autorização da pesquisa, através do e-mail de confirmação do diretor da escola, Marco Aurélio Ferreira. Após sua resposta ele encaminhou meu e-mail para a Coordenadora Cultural da escola, a professora Jocimari Carrão e marcamos uma reunião para apresentar minha proposta da pesquisa na escola, falar um pouco sobre as caixas e do meu curso de Museologia. Durante a reunião a professora me informou da possibilidade de trabalhar em sala de aula com as turmas dos ciclos 1 e 3 do turno da manhã compostas por alunos com deficiência intelectual e com síndrome de down na faixa etária de 15 a 21 anos, pois eles poderiam se comunicar melhor comigo.

Inicialmente, eu faria um questionário aos alunos sobre se eles já tinham visitado algum Museu e trabalharia com as duas caixas educativas acessíveis por um mês. No entanto, conforme com o que foi conversado na reunião com o setor sócio-educativo-cultural antes de realizar este campo piloto, que até o momento nenhuma das caixas educativas acessíveis haviam sido solicitadas para alguma escola especial de Porto Alegre, e que só uma delas estava acessível e em conversas com minha orientadora, fiz um campo piloto das experiências destes alunos com a caixa, *Oretatypy: presença Mbyá-Guarani no sul e sudeste do Brasil*, levando-a até a escola.

Sobre o questionário que seria feito antes da experiência com alunos, perguntando se eles ou seus familiares já tinham visitado espaços culturais ou já tinham visitado o Museu da UFRGS, durante a experiência estes questionamentos foram surgindo sem a necessidade do questionário.

Quando fui para escola com a caixa educativa acessível, no início fiquei receosa por trabalhar em sala de aula com os alunos, pois na minha bolsa no INCLUIR minha experiência maior é por trabalhar com a deficiência visual e não com a intelectual, mas esta experiência se tornou mais desafiante para mim enquanto pesquisadora e futura museóloga. Para preservar a identidade dos alunos usarei cognomes e seus rostos estarão borrados nas fotografias tiradas durante as experiências.

Na primeira semana iniciei com o Ciclo 1 que era composta por duas meninas (Joana e Luana) e dois meninos (Pablo e Vitor). Dos alunos, três deles eram deficientes intelectuais e um deles tinha síndrome de down. Antes de trabalhar com a caixa educativa, expliquei para eles, que eu era graduanda em Museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e que eu trouxe a caixa por causa do meu trabalho de conclusão de curso. Expliquei ainda que a caixa era do Museu da UFRGS e que foi produzida após uma exposição da instituição.

Durante a experiência os alunos interagiam com as peças táteis da caixa, mas nem todos mostraram interesse em tocar neles apesar dos incentivos meus e da professora responsável pela turma. A aluna Joana (única com síndrome de down na turma) foi a que mais interagiu com os objetos da caixa, mostrando-se curiosa durante a interação com eles e, a todo o momento, perguntando sobre a história dos Guaranis. No momento em que coloquei o cd com as músicas guaranis, os demais alunos que não mostraram tanto interesse na caixa, mostraram-se curiosos em saber um pouco sobre a história dos Guaranis. A aluna Joana pegou o chocalho e começou a “chacoalhar” ele e passou para os outros colegas para seguir o ritmo da música.

Até o fim da experiência deixei rodando a música, pois com este incentivo sonoro (sensorial) todos os alunos interagiram com os demais objetos da caixa. Abaixo o quadro com os objetos da caixa mais usados durante as experiências e imagens de como foi à interação com os alunos.

Quadro 3 - Experiências produzidas pelo Ciclo 1

| Experiências produzidas pelos alunos do Ciclo 1 (Primeira Semana) | |
|---|---|
| Objetos que foram utilizados | Experiências |
| <p>2 cestos;</p> <p>1 chocalho;</p> <p>1 colar;</p> <p>Animaizinhos: tatu, onça pintada, macaco, arara, quati, tartaruga, tucano e tamanduá.</p> <p>Caderno de atividades;</p> <p>Curumim contou;</p> <p>MBA'EPU ETE'I: Instrumentos musicais sagrados: narrativas, confecção e uso;</p> <p>Yv'y Poty, Yva'á: Flores e Frutos da Terra (Usei o cd com as músicas);</p> <p>Artesanato: mbyá-guarani BR116/RS;</p> <p>Kit com 10 postais;</p> <p>Desenho da aldeia MBYA para colorir.</p> | <p>- Alunos: Joana, Pablo, Luana e Vitor</p> <p>- O aluno que interagiu mais foi a Joana. Ficou muito curiosa com os animaizinhos em madeira.</p> <p>- Vitor e Luana apenas mexeram nos animaizinhos e não demonstram muito interesse neles.</p> <p>- Coloquei um cd com músicas guaranis e isto despertou um interesse grande dos alunos, por ser falado em outro diferente.</p> <p>- Os demais materiais da caixa não chamaram a atenção dos alunos durante a experiência.</p> <p>- Gostaram bastante do caderno de atividades e o livro, Curumin contou.</p> |

Fonte: Autora (2017)

Figura 6 - Interações dos alunos do Ciclo 1



Fonte: Barbosa (2017)

Depois que terminei de usar a caixa com os alunos do Ciclo 1, fui para o Ciclo 3 composta por duas meninas (Marina e Renata) e dois meninos (William e Leonardo), sendo três deles com deficiência intelectual e um com síndrome de down, como na turma anterior. Diferentemente da outra turma, os alunos ficaram interessados desde o início da experiência com a caixa. Durante a experiência, falei para os alunos que a caixa é uma ação educativa do Museu da UFRGS, sendo que até aquele momento eles nunca não tinham conhecimento e nem visitado a instituição.

Como aconteceu, com a turma anterior, quando coloquei as músicas Guaranis, eles interagiram muito mais com os objetos que deixei dispostos na mesa escolar. O aluno Leonardo (com síndrome de down) quando tocou nos animais em madeira ele se lembrou das moças que os vendem na Rua dos Andradas e, além disto, ele usou o chocalho tocando no ritmo das músicas Guaranis e, com esta

atitude, despertou a curiosidade dos seus colegas em tocar com ele. No fim da experiência, a professora me informou que os alunos visitaram somente o MARGS (em relação de quais museus eles já haviam visitado). Abaixo o quadro com os objetos da caixa mais usados durante as experiências e imagens de como foi à interação com os alunos.

Quadro 4 - Experiências produzidas pelos alunos do Ciclo 3

| Experiências produzidas pelos alunos do Ciclo 3 (Primeira Semana) | |
|--|--|
| Objetos que foram utilizados | Experiências |
| 2 cestos; 1 chocalho; 1 colar; Animaizinhos: tatu, onça pintada, macaco, arara, quati, tartaruga, tucano e tamanduá. Curumim contou; MBA'EPU ETE'I: Instrumentos musicais sagrados: narrativas, confecção e uso; Yv'y Poty, Yva'á: Flores e Frutos da Terra (Usei o cd com as músicas); Artesanato: mbyá-guarani BR116/RS; Kit com 10 postais; Desenho da aldeia MBYA para colorir. | Alunos: William, Leonardo, Mariana e Renata. - Diferente da outra turma, os alunos interagiram bem mais com os objetos. - Leonardo ficou bem animado em manusear o chocalho, principalmente com as músicas guaranis que ficaram tocando. - Expliquei aos alunos um pouco sobre a cultura Guarani de acordo com os materiais da caixa. - Quando mostrei os animaizinhos, se lembraram das moças que os vendem na Rua das Andradas. - Com os materiais sobre os Guaranis ficaram muito curiosos para saber como viviam longe da cidade. - Suscitou a vontade deles de um dia visitarem o Museu da UFRGS. |

Fonte: Barbosa (2017)

Figura 7- Alunos do Ciclo 3 interagindo

Fonte: Barbosa (2017)

Depois de passado da primeira semana do campo piloto na escola, retornei à escola para trabalhar, novamente, com a caixa e observar novas experiências dos alunos, partindo do conceito de refiguração de Ricoeur que diz que após a leitura dos alunos com os objetos das caixas, eles recriam novas narrativas e interpretações da mesma. Por sugestão das professoras responsáveis pelos Ciclos 1 e 3, as duas turmas ficariam juntas para que a interação e as experiências fossem integradas. Como foi feito na semana anterior coloquei o cd com as músicas Guaranis, pois percebi que os alunos interagem muito tendo este incentivo sonoro. Diferentemente da outra semana, os alunos interagiram na maior parte da experiência com o caderno de atividades que conta um pouco sobre os animais das aldeias Guaranis e, na sua parte final, possui desenhos de onça e macaco para completar. Tirei cópias desse material e distribui aos alunos para eles desenharem. Durante a atividade, dois alunos (William e Mariana), tiveram curiosidade sobre como os Guaranis viviam, porque eles não viviam na cidade e por qual motivo não

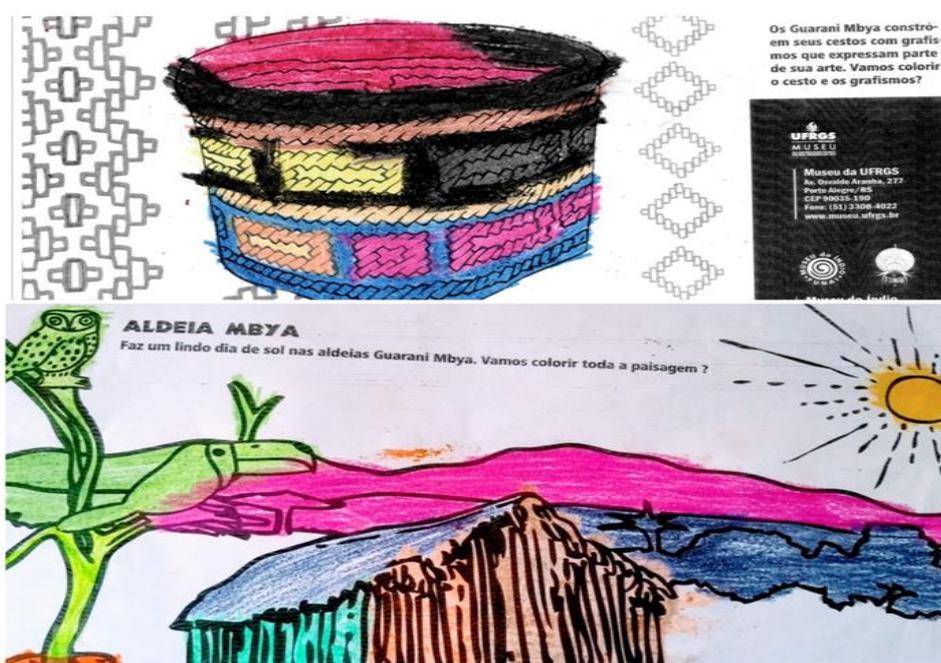
falavam a mesma língua que nós. Abaixo o quadro com os objetos da caixa mais usados durante as experiências e imagens de como foi à interação com os alunos.

Quadro 5 - Experiências dos Ciclos 1 e 3

| Experiências produzidas pelos alunos dos Ciclos 1 e 3 (Segunda Semana) | |
|--|--|
| Objetos que foram utilizados | Experiências |
| <p>2 cestos;</p> <p>1 chocalho;</p> <p>1 colar;</p> <p>Animaizinhos: tatu, onça pintada, macaco, arara, quati, tartaruga, tucano e tamanduá.</p> <p>Caderno de atividades;</p> <p>Curumim contou;</p> <p>MBA'EPU ETE'I: Instrumentos musicais sagrados: narrativas, confecção e uso;</p> <p>Yvy Poty, Yva'á: Flores e Frutos da Terra (Usei o cd com as músicas);</p> <p>Artesanato: mbyá-guarani BR116/RS;</p> <p>Kit com 10 postais;</p> <p>Desenho da aldeia MBYA para colorir.</p> | <p>- Nesta segunda semana deixei os alunos mais livres com quais objetos gostariam de usar da caixa.</p> <p>- Percebi que o cd com as músicas guaranis e os materiais para pintar e desenhar deixaram os alunos mais motivados e interessados na atividade.</p> <p>- Com o cd das músicas guaranis os alunos foram passando o chocalho para cada um e começaram a tocar e bater palmas com o ritmo da música. Gostaram muito pelo fato de ser em uma língua diferente.</p> |

Fonte: Barbosa (2017)

Figura 8 – Desenhos da Aldeia Myba



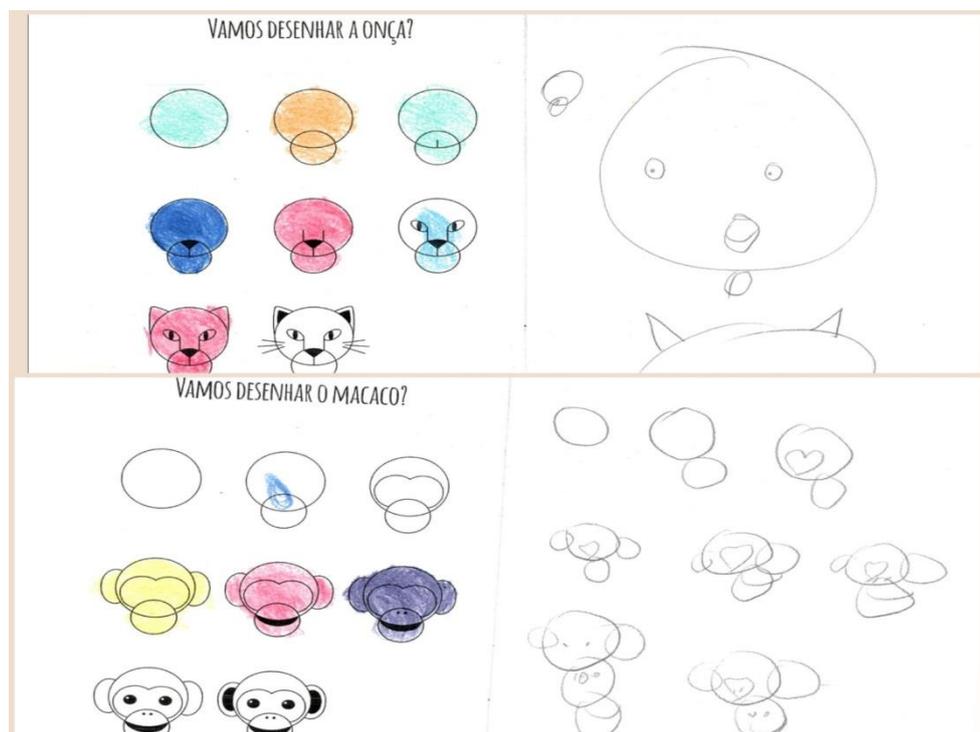
Fonte: Alunos Ciclos 1 e 3 (2017)

Figura 9 – Alunos dos Ciclos 1 e 3 interagindo



Fonte: Barbosa (2017)

Figura 10 - Desenhos de Onça e Macaco



Fonte: Alunos dos Ciclos 1 e 3 (2017)

Esta duas semanas que passei na escola durante este campo piloto, confesso que no início tive dificuldades na forma de trabalhar com alunos com deficiência intelectual e com síndrome de down, pois convivo mais com pessoas com deficiência visual. No entanto, com passar do tempo e do modo como os alunos me receberam, senti-me mais confortável para a realização da pesquisa.

Durante a experiência de refiguração (leitura, apropriação e interpretação) dos alunos com os objetos da caixa ficou bastante claro que a parte sensorial foi o diferencial durante este campo piloto. Foi só no momento que coloquei o cd com as músicas Guaranis que os alunos interagiram e mostraram interesse nos objetos da caixa. Os objetos táteis (o chocalho, os animaizinhos, o colar e a cestaria) foram que mais suscitaram a curiosidade dos alunos, e, além deles, o caderno de atividades e desenhos da aldeia e cestaria Guarani que eles poderiam pintar e desenhar.

Já os livros no formato acadêmico, que tratavam sobre os animais que correm riscos de extinção na região sul, campos do sul e sobre as histórias do povo Guarani, não suscitaram interesse dos alunos durante a experiência. Os materiais

em braille e fonte ampliada com a descrição dos animais e da caixa acabaram por não ser usados pois nenhuma das turmas tinha algum aluno com deficiência visual.

Agora analisando estas experiências com a política de acessibilidade do Museu da UFRGS que foram apresentadas no capítulo 2, para o aprimoramento da caixa educativa acessível utilizada nesta pesquisa. De acordo com a acessibilidade metodológica, deve haver uma aproximação entre o museu e as escolas, a fim de qualificar as atividades educativas, tendo em vista as experiências produzidas com a caixa educativa. A forma com que os alunos interagiram com ela mostra que esta aproximação (principalmente com escolas especiais) se apresenta pertinente para que a caixa seja itinerante nos espaços escolares. A acessibilidade atitudinal (tema desta pesquisa) refere-se à ampliação das atividades sócio-educativas com comunidades escolares com uma diversidade de segmentos sociais, mais uma vez mostrando o interesse do museu em se aproximar dos mais diversos públicos.

Com isto, destaco a importância da caixa educativa acessível ser mais itinerante em comunidades escolares de Porto Alegre. Saliento ainda que a instituição deve estar para além do público escolar habitual que visita presencialmente o Museu, pois, como a caixa pode ser levada a alunos que talvez nunca fossem visitar a instituição algum dia, ela é também um atrativo para conhecer posteriormente o museu. O que considero mais importante é levar o patrimônio e o conhecimento produzidos pela universidade não somente para a comunidade acadêmica, mas também para a escola, que não se restrinja aos muros do Museu e da universidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o meu percurso acadêmico e como bolsista na UFRGS me deu a oportunidade de trabalhar com o tema da acessibilidade que é algo tão importante para mim e que pretendo continuar trabalhando em minha futura trajetória como museóloga.

Entendo que a acessibilidade é um caminho para a dignidade e a completude no exercício dos direitos humanos e, como conceito, comporta-se na dimensão dialógica para a convivência e a compreensão da pluralidade de todos os seres. Em sua abrangência, comporta as dimensões do uso do espaço, dos instrumentos, das tecnologias e de aparatos que possibilitam a comunicação e interação nos ambientes culturais, sem prescindir da liberdade de trânsito e das possibilidades humanas de mediar e acolher as experiências na vida em sociedade.

Compreendendo a acessibilidade como elemento fundamental para o desenvolvimento da sociedade, por meio do qual também se relaciona à compreensão do museu como agente de cidadania, por sua função social e educativa e por sua relevância na preservação da memória e valorização do patrimônio cultural.

Partindo disto, retomo nestas considerações finais os objetivos específicos que permearam esta monografia. O primeiro foi por realizar um campo piloto em uma escola especial, que, até o momento, não conhecia e, a partir da pesquisa, houve esta possibilidade que se mostrou uma ação bastante gratificante. Segundo na identificação das experiências de refiguração dos alunos a partir da narrativa acessível da caixa educativa que levei até a Escola Especial Elyseu Paglioli por duas semanas. Confesso que no início estava receosa de que forma trabalhar com os objetos das caixas já que nunca havia trabalhado com pessoas com deficiência intelectual e com síndrome de down, mas somente com deficiência visual. No entanto, durante o trabalho em sala de aula com os alunos minhas preocupações se mostraram irrelevantes, pois eles me receberam de forma extremamente positiva. As experiências mais recorrentes pelos alunos foram muitas na forma sensorial e tátil, sendo que a partir das músicas Guaranis que eles começaram a interagir mais com os objetos das caixas e, com isto, usar mais os animais em madeira e o chocalho que os permitiam tocar neles no ritmo da música.

Por fim, na análise das experiências produzidas de acordo com as políticas de acessibilidade do Museu o que se pode analisar é a importância das relações do Museu com a comunidade escolar fora de “seus muros” (não somente no público escolar que vai até a instituição para visitar as suas exposições), levando a caixa educativa acessível para alunos de lugares mais distantes possam ter acesso ao patrimônio e conhecimento produzido pela universidade.

O que se pode tirar a partir destas discussões é a importância desta caixa educativa acessível que, por princípio, tem o intuito de atender ao público com deficiência visual, indicando a intenção da instituição em trabalhar com a acessibilidade em suas atividades educativas culturais. Com as experiências produzidas com a caixa educativa, ela pode ser usada também por pessoas com deficiência intelectual e com síndrome de down.

Com as experiências produzidas pelos alunos durante as duas semanas do campo piloto, faço alguns apontamentos para o aprimoramento da caixa educativa acessível, tais como: linguagem fácil para os materiais de apoio pedagógico tratando sobre como vivem atualmente os Mbya-Guarani; recurso da comunicação alternativa, o sistema pictográfico¹⁴ utilizando imagens que correspondam aos instrumentos e produtos produzidos nas aldeias Guaranis que os alunos possam facilmente identificar; ter jogos de memória e quebra-cabeças dos costumes e dia-dia dos Guaranis para que os alunos tenham uma imersão maior do sobre os costumes deles e por fim ter mais algum material sonoro (além do cd com as músicas Guaranis) e audiovisual, pois se notou nas experiências que o sentido sensorial foi à forma de os alunos interagiram mais, mostrando desta forma sua apropriação ao mundo ao seu redor (nesta situação seria sobre a vida e costumes dos Guaranis).

Entendemos que o Museu da UFRGS deve partir de suas políticas de acessibilidade a partir da metodológica e atitudinal, no fortalecimento nas relações da instituição com as comunidades escolares que não podem visitar o espaço, mas

¹⁴ **Comunicação alternativa** destina-se a pessoas sem fala ou sem escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade de falar e/ou escrever. **Sistema pictográfico visual** que contém desenhos simples que se aproximam do objeto real que apresentam. Pode-se incluir figuras conforme necessidade. (Informações disponíveis em: <<http://www.assistiva.com.br/ca.html>>. Acessado em: 21/01/18).

que pode ter “acesso” a ele através da sua caixa educativa acessível. E através de discussões das potencialidades da instituição como um espaço de educação não formal, tendo a intenção do estreitamento das relações do museu com seu público escolar de modo a contribuir para o desenvolvimento e a transformação social. Ou seja, a instituição deve divulgar mais sobre a disponibilidade das caixas acessíveis para que outros alunos tenham a oportunidade de usufruir dela, como os que participaram desta pesquisa e aprender sobre culturas e outros temas, em princípio reservados ao ambiente acadêmico. Com isto o Museu terá uma maior diversidade do seu público (que está de acordo com suas políticas de acessibilidade) escolar, que não somente será atingido por meio da visita à instituição, mas por intermédio de sua caixa educativa acessível. O Museu tem a função social de proporcionar a relação da instituição com a sociedade proporcionando acesso sem diferenciação a todos públicos, possibilitando o acesso digno e a plena fruição das pessoas com deficiência não só ao espaço museológico, mas ao seu patrimônio cultural na forma itinerante (com as caixas acessíveis).

Apesar das dificuldades encontradas inicialmente durante esta pesquisa que já foram salientadas em capítulos anteriores, esta pesquisa foi um presente pessoal e desafiador para terminar meu curso de Museologia. Espero que com este trabalho eu possa fazer um desdobramento dele em uma pesquisa de mestrado, para que não fique somente no âmbito da graduação, sendo isto um incentivo aos meus colegas de curso e quem sabe de outros, em realizar pesquisas relacionadas à produção de produtos para pessoas com deficiência e suas experiências produzidas em ambientes culturais. Espero que estas pesquisas possam estar, também, voltadas para deficientes intelectuais, pois não se tem tantos trabalhos pesquisados de recursos de acessibilidade a estes sujeitos como se tem para deficientes visuais, sejam em escolas, como para Museus.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. "Experiência". In: **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2. ed. São Paulo: 39. p. 21-25.

_____. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense (Obras selecionadas), 1985. p. 114-119.

_____. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense (Obras selecionadas), 1985. p.197-221.

CARDOSO, Eduardo. Recursos de Acessibilidade em Ambientes Culturais: contextualização e aplicações. In: CARDOSO, Eduardo; CUTY, Jeniffer (orgs). **Acessibilidade em Ambientes Culturais**. Porto Alegre: Marcavisual, 2012. p. 38-59.

CURY, Marília Xavier. **Comunicação Museológica: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FONSECA, Alice Registro. Educação patrimonial: o objeto cultural como fonte primária para o conhecimento crítico. **Anais do 20º Encontro Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas: Subjetividade, Utopias e Fabulações**. Rio de Janeiro, 2011, p. 230-240.

GABRIELE, Maria Cecília Filgueiras Lima. Sociomuseologia. Uma reflexão sobre a relação Museus e Sociedade. **Expressa Extensão**, v.19, n.2. Pelotas, 2014. p. 43-53.

KARAGIANNIS, Anastasios; STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. Visão geral histórica da inclusão. In: STAINBACK, Susan; STAINBACK, William (orgs). **INCLUSÃO: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 35-45.

LESSA, Juliana Schumacker. **O conceito de experiência em Walter Benjamin: elementos para pensar a educação na infância**. Revista Zero-a-seis, v. 18, n.33. Florianópolis, 2016. p. 108-21.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Perspectivas para a construção da escola inclusiva no Brasil. In: PALHARES, M.S; MARINS, S.C. Escola inclusiva. São Carlos: EdUFSCar. 2002.

MENEGAZ, Carla Beatriz Santos. **Entre a intenção e o gesto: discursos e práticas sobre acessibilidade em museus.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. p.89.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitc-abrasco, 1996.

RICOUER, Paul. Tempo e Narrativa: A Tríplice *Mimese*. **Tempo e Narrativa - Tomo I.** Campinas: SP: Papyrus, 1994. p. 85-131.

_____. Capítulo 2: A fala e a escrita. **Teoria da Interpretação.** Lisboa: 70, LDA, 1976. p. 37-56.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Museus Universitários Brasileiros: novas perspectivas. **IV Encontro do Fórum Permanente de Museus Universitários e II Simpósio de Museologia na UFM “Museus Universitários – Ciências, Cultura e Promoção Social”.** Belo Horizonte – MG, agosto de 2006. p.7.

_____. Museu e educação: conceitos e métodos. **Revista Ciências e Letras.** Porto Alegre, v.31, 2002. p.19.

SILVA, Ariovaldo Francisco da. **A narração como instrumento educativo: uma contribuição de Walter Benjamin.** 2014. Disponível em: <<http://www.herramienta.com.ar/coloquios-y-seminarios/narracao-como-instrumento-educativo-uma-contribuicao-de-walter-benjamin>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

SILVA, Carlos Eduardo Galon da; ARISTIMUNHA, Claudia Porcellis; CARDOSO, Eduardo; FAGUNDES, Lígia Ketzer, LEITZKE, Maria Cristina Padilha. Acessibilidade Cultural: A Caixa Educativa no Museu da UFRGS. In: CARDOSO, Eduardo; CUTY, Jeniffer (orgs). **Acessibilidade em Ambientes Culturais: Relatos de Experiências.** Porto Alegre: Marcavisual, 2014. p. 50-63.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. Capítulo II: Museu e Ação Educativa Inclusiva. **Políticas públicas culturais de inclusão de públicos especiais em museus.** São

Paulo. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) – Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, 2007, p. 84-106.

_____. **Ação educativa inclusiva e comunicação museológica: mudança de paradigmas.** Disponível em: <www.arteinclusao.com.br/publicações>. Acessado em: 03. nov. 2017.

ANEXOS

ANEXO A – Autorização de entrevista de Lígia Fagundes



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu Lígia Ketzner Fagundes,
abaixo assinado(a), autorizo Patrícia Gabriela Machado Barbosa, estudante de Museologia,
da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de
Conclusão de Curso, que tem como título "**Caixas Educativas Acessíveis de Museus: A
Experiência da Refiguração da Narrativa Acessível em Escolas**" e está sendo orientado
por/pela Prof.(a.) Dr.(a.) Jeniffer Alves Cuty.

Porto Alegre, 28 de Setembro de 2017.

Lígia Ketzner Fagundes

Assinatura do entrevistado

ANEXO B – Autorização de entrevista com o professor Eduardo Cardoso

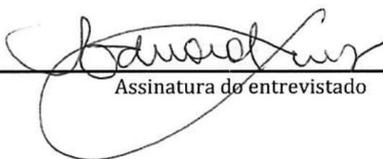
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu

EDUARDO CARDOSO
abaixo assinado(a), autorizo Patrícia Gabriela Machado Barbosa, estudante de Museologia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título **“Caixas Educativas Acessíveis de Exposições: Experiência de Configuração da Narrativa Acessível na Relação Museu-Escola”** e está sendo orientado por/pela Prof.(a.) Dr.(a.) Jeniffer Alves Cuty.

Porto Alegre, 03... de Outubro de 2017 .



Assinatura do entrevistado

ANEXO C – Solicitação par a realização da pesquisa da Escola Especial Elyseu Paglioli



Patricia Machado <machado.patricia@gmail.com>

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso

10/07/2017, 10:14

Patricia Machado <machado.patricia@gmail.com>
Para: emeeef.elyseupaglioli@smed.prefpoa.com.br

28 de julho de 2017 10:14

Me chamo, Patricia Machado e sou aluna do curso de Bacharelado em Museologia da Faculdade de Biblioteconomia Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

No segundo semestre farei meu Trabalho de Conclusão de Curso e o Tema a ser trabalhado será sobre Caixas Educativas Acessíveis de Museu Universitário sob orientação da professora Dra. Jennifer Alves Cuty.

O Museu a ser trabalhado será o Museu da UFRGS com suas duas caixas educativas acessíveis das seguintes exposições: *Oretalaypy: presença Mbya-Guarani no Sul e Sudeste do Brasil* (2011) e *12.000 Anos de História: Arqueologia e Pré-História do Rio Grande do Sul* (2013). Com estas duas caixas vou trabalhar em uma escola selecionada para pesquisar qual ou quais experiências foram produzidas através da apropriação delas feita pelos alunos.

Estou entrando em contato com vocês da Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Elyseu Paglioli, pois a escola conta com alunos deficiência mental. E gostaria muito se possível de poder realizar meu trabalho de conclusão de curso com vocês. Gostaria de saber se poderíamos marcar uma reunião com a direção para que eu possa explica de forma mais aprofundada sobre minha pesquisa!

Desde já agradeço a atenção!

Abraços.

Patricia Gabriela Machado Barbosa
Bolsista do INCLUIR - Núcleo de Inclusão e Acessibilidade UFRGS
Graduanda em Bacharelado de Museologia - UFRGS
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6975923143053951>
Contato: (51) 98407-2734

Marco Aurélio Freire Ferraz <marco.ferraz@smed.prefpoa.com.br>
Para: Patricia Machado <machado.patricia@gmail.com>, Ana Rosimeri Araújo da Cunha <anacunha@smed.prefpoa.com.br>, Cinara da Silva Vicente <cinara.vicente@smed.prefpoa.com.br>, "elaine_tavares@terra.com.br" <elaine_tavares@terra.com.br>

28 de julho de 2017 12:12

Seria um prazer participar da tua pesquisa, para viabilizar tal trabalho o Setor de Estágios da Prefeitura tem que fazer um cadastro para liberar escola para receber pesquisadores, qualquer duvida que tenham na SMED pode dizer que a escola tem interesse em participar da pesquisa. Esta parte burocrática é necessária para validar teu trabalho depois. Assim que tiveres a liberação do setor entra em contato para agilizarmos tua vinda ate a escola.

Qualquer duvida entra em contato.

Equipe estagios SMED telefone 32891985 ou 32891805 ou 32891810

Marco Aurélio Freire Ferraz
Prefeitura de Porto Alegre - Secretaria Municipal de Educação
EMEEF Professor Elyseu Paglioli
Diretor - Autorização 085/2016
Mat. 281132
Rua Butuí 221 - Cristal - Porto Alegre -RS
Contatos: (51)3289-5966 -3289-5967
marco.ferraz@smed.prefpoa.com.br

De: Patricia Machado [machado.patricia@gmail.com]
Enviado: sexta-feira, 28 de julho de 2017 10:14
Para: _EMEEF Professor Elyseu Paglioli
Assunto: Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso

10/07/2017, 10:14

Patricia Machado <machado.patricia@gmail.com>
Para: Marco Aurélio Freire Ferraz <marco.ferraz@smed.prefpoa.com.br>

28 de julho de 2017 12:12

ANEXO D – Material das ações educativas do Museu da UFRGS: A Caixa Educativa “Os Guarani Mbya”

1. Caixa educativa “Os Guarani Mbya”

As caixas educativas contêm esculturas em madeira de animais e cestaria feitas pelos guarani, material audiovisual, livros e impressos. A disponibilização desse material visa propiciar subsídios e recursos didáticos para os (as) professores (as) quanto à ampliação das possibilidades de acesso a elementos da cultura Mbya pelos alunos. O Museu possui 10 caixas para empréstimo e uma delas é uma caixa acessível com audiodescrição dos vídeos, textos em braile e fonte aumentada.

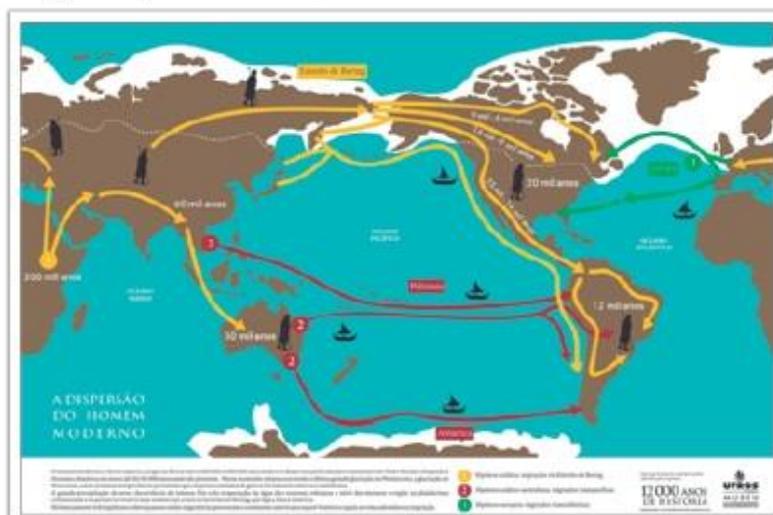


ANEXO E - Material das ações educativas do Museu da UFRGS: A Caixa Educativa “Arqueologia”

2. Caixa educativa “Arqueologia”

O Museu possui 10 caixas para empréstimo e uma delas é uma caixa acessível com textos em braile e fonte aumentada. Cada caixa contém:

- catálogo da exposição;
- réplicas de resina e cerâmica de ponta de lança, ponta de flecha, raspador e pote cerâmico;
- mapa em lona da dispersão do homem no mundo com fichas explicativas das principais teorias;



ANEXO F – TERMO DE EMPRÉSTIMO DA CAIXA EDUCATIVA ACESSÍVEL


UFRGS
MUSEU
 UNIVERSIDADE FEDERAL
 DO RIO GRANDE DO SUL

**CÓPIA DO TERMO DE EMPRÉSTIMO E RESPONSABILIDADE
CAIXA EDUCATIVA OS GUARANI MBYA**

CAIXA Nº: 0

Assumo o compromisso de responsabilizar-se pela caixa educativa, abaixo descrita, comprometendo-se a:

- zelar pela preservação da mesma;
- orientar o usuário sobre a importância e os cuidados com a caixa;
- promover a plena utilização da caixa;
- preencher e devolver a avaliação que acompanha a caixa educativa.

Em caso de dano e/ou extravio de material, a escola deverá arcar com os custos de substituição dos mesmos.

Declaro estar ciente que as caixas educativas serão retiradas e devolvidas nas segundas-feiras e sextas-feiras no Museu da UFRGS. O empréstimo é de 30 dias, podendo ser renovado.

ESTA CAIXA EDUCATIVA "OS GUARANI MBYA" CONTÉM:

1. cesto de trama de palha. *2 unidades*
2. escultura em madeira - tartaruga
3. escultura em madeira - tatu
4. escultura em madeira - tamanduá ✓
5. escultura em madeira - papagaio ✓
6. escultura em madeira - onça ✓
7. escultura em madeira - macaco ✓
8. escultura em madeira - tucano ✓
9. escultura em madeira - coati ✓
10. DVD "A mata é que mostra nossa comida/Os seres da mata e sua vida como pessoas" ✓
11. DVD "Duas aldeias, uma caminhada" ✓
12. kit com 10 postais ✓
13. Livro com CD "Yvy Poty, Yva à Flores e Frutos da Terra" ✓
14. Livro "Diversidade e Proteção Social: estudos quanti-qualitativos das populações de Porto Alegre (afrobrasileiros, coletivos indígenas, crianças, adolescentes e adultos em situação de rua e remanescentes de quilombos)" ✓
15. Livro "Coletivos Guarani no Rio Grande do Sul, Territorialidade, Interetnicidade, Sobreposições e Direitos Específicos" ✓
16. Livro "Presença indígena na cidade: reflexões, ações e políticas", de Rosa Maris et al ✓
17. Caderno de atividades "Conhecendo a cultura Mbya-Guarani. Museu da UFRGS" ✓
18. Mapa "Guarani-Retã 2008" Povos Guarani na fronteira Argentina, Brasil e Paraguai;
19. Grafismo
20. Livro "Os Campos do Sul" Valério de Patta Pillar e Omara Lange - Porto Alegre: Rede Campos Sulinos - UFRGS, 2015 ✓
21. Livro "MBA'EPE ETE'1 - Instrumentos Musicais Sagrados: narrativas, confecção e uso;
22. Ficha de avaliação ✓

DATA PREVISTA PARA DEVOLUÇÃO: 23 / 10 / 2015

Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Av. Osvaldo Aranha, 277 - Campus Centro - Porto Alegre - Rio Grande do Sul
 Fone: +55 51 3308-3390 - 3308-4544 E-mail: museu@museu.ufrgs.br ou educativomuseu@ufrgs.br

ANEXO G – Avaliação dos professores da caixa educativa Guarani-Mbya



CAIXA EDUCATIVA DOS GUARANI-MBYA
Avaliação dos professores

Nome: _____

Escola(s): _____

Disciplinas(s) ou Área(s) de Conhecimento: _____

Período de utilização: _____

CAIXA n. _____

Como utilizou:

- Em que série(s), ano(s) ou ciclo(s)? _____

- Em que projeto(s)? _____

- Quais materiais foram utilizados para o planejamento do trabalho? _____

- Quais materiais da caixa foram utilizados com os alunos? _____

- Breve descrição do trabalho: _____

APÊNDICES

APÊNDICE A – Transcrição da entrevista com a Lígia Fagundes

Perguntas:

- 1) Processo de concepção da primeira caixa educativa acessível?
- 2) Depois de produzida a primeira caixa acessível alguma pessoa com deficiência “testou” para saber se tinha a necessidade de modificar algum material?
- 3) Há uma divulgação além do site do Museu da UFRGS da disponibilidade do empréstimo das duas caixas educativas acessíveis?
- 4) Os materiais das caixas estavam nas exposições quando elas foram exibidas pelo Museu?

Surgiu junto com o projeto das caixas educativas e neste período o Museu da UFRGS já vinha trabalhando com a acessibilidade na instituição com um grupo de acessibilidade com os professores Eduardo Cardoso e Jeniffer Cuty, entre 2011 e 2012, que saiu a primeira caixa. A exposição Mbyá-Guarani saiu em 2011 e a caixa foi feita depois disto em uma decorrência meio natural, vamos tentar, vamos fazer uma caixa educativa, em função de estarem em diálogo com este grupo trabalhando com a acessibilidade. As caixas vêm neste sentido.

Quando eles viram a caixa e começaram a trabalhar com a acessibilidade o material da caixa que já existia, mostrou que seria possível ou não muito difícil, não demandaria muito esforço para tornar aquela caixa em acessível, ela já era um material bastante tátil. Já era composta com os animaizinhos, da cestaria com as texturas sendo possível transformar. E aí os vídeos foram para a audiodescrição e os materiais em braille e fonte ampliada pelo INCLUIR. O setor se esqueceu de colocar os créditos das pessoas responsáveis dos materiais produzidos que não estavam na exposição. Já a segunda caixa acessível, 12 mil anos, já está composta com os créditos dos responsáveis na produção dos materiais. Foi pedida uma avaliação com a funcionária do Museu de Porto Alegre, Márcia dos Santos e ela repassou dicas muito interessantes. Mas na realidade estava sendo feito material para os professores e eles queriam divulgar a caixa. Foi muito interessante conversar com a Márcia e primeira dica foi: onde é que vocês descrevem a caixa,

pois vocês dizem que ela é acessível, mas não tem o tamanho dela, o peso dela, a cor dela e não foi pensado nisto. Neste momento foi feita uma avaliação da caixa, junto com a Márcia e divulgaram a caixa em outro formato.

Fiz o questionamento sobre se somente a Márcia realizou este “teste” na caixa, pois no artigo publicado em 2014 (no livro: Acessibilidade em ambientes culturais: relatos de experiência) dá a entender que foi feito por mais de uma pessoa. Lígia relata que foi somente pela Márcia e que o pessoal do INCLUIR ajudou bastante naquele momento exatamente. A caixa ela foi para o INCLUIR fizeram a parte em braille a caixa andou bastante por lá neste sentido ela teve esta avaliação. Mas especificamente que ela lembra foi somente com a Márcia, que sempre pega o material da caixa acessível e ainda o cd de audiodescrição está com ela.

Já a de 12 mil anos não chegou a ser feito o material, e ela parou no INCLUIR e parou lá. Foi em uma época (2013) que o INCLUIR estava com poucas pessoas no setor e com muita demanda, ela sabe que o material foi iniciado e que ela chegou a ver o material iniciado e não foi dada continuidade deste material. Culpa do setor/INCLUIR que não continuaram o material.

Relatei para a Lígia que quando ingressei no INCLUIR a ex-servidora do setor, Fabiana Guedes tinha repassado para dois bolsistas para iniciar os materiais acessíveis para a caixa e com a mudança da coordenação acabou se parando com a produção. No início de 2017 o Museu da UFRGS ligou perguntando sobre a caixa, para poder pega-la de volta. Lígia comenta que a gestão da Fabiana tinha algumas questões e era um pouco difícil lidar com algumas coisas e a caixa foi alguma dos momentos que emperraram realmente as coisas emperraram. Ela não tem materiais em braille e fonte ampliada como da Mbyá-Guarani e para a produção dela eles partiram do mesmo princípio, fizeram as réplicas que também são táteis. Foi feito os mapas e ela teria uma maior demanda e todas as fichas com descrição dos materiais e tinha uma demanda grande de acessibilidade e é ainda uma proposta para o INCLUIR.

Perguntei sobre as avaliações das caixas e a Lígia comentou que começaram uma divulgação delas e que o setor não soube divulgar especificamente. Uma coisa é divulgar para o público geral que tem uma caixa acessível e outra coisa é tu saber

onde está o público que precisa deste material acessível. E ela acha que é uma culpa do setor e do Museu de não conseguir fazer a divulgação de chegar onde ela deveria, pois eles sempre estão correndo atrás desta questão de acessibilidade, mas parece que nunca se chega lá, ficando só na intenção. Teria mais demanda se ela tivesse chegado ao público necessário, mas ela acha que atividades como da minha pesquisa de ir a uma escola especial e trabalhar com uma turma específica com a caixa acessível isto é bem importante que é aí que vai fazer a caixa circular.

Expliquei para ela os conceitos da pré-figuração, configuração e refiguração do Ricouer que trabalhei no TCC e que na outra semana após a entrevista farei uma reunião com o setor pedagógico da escola para mais ou menos elaborar uma dinâmica com as turmas escolhidas. Perguntei como se faz a solicitação da caixa (que ela me explicou que é pelo site do Museu da UFRGS) e que me responsabilizaria por retirar e entregar a caixa acessível. Perguntei sobre a divulgação das caixas se é somente pelo site do Museu da UFRGS e setor tem um material para professores no qual é descrita as caixas e é um material específico que foi feito para os professores.

Perguntei sobre os materiais das caixas se elas estavam expostas durante as exposições. A Ligia me respondeu que os materiais das caixas é uma síntese. Os animaizinhos e a cestaria da Mbyá-Guarani é o mesmo material da exposição, pois foram os mesmos Mbyá-Guarani que fizeram. O material da caixa educativa dos 12 mil anos já é diferente foi o material produzido para a caixa. A Mbyá-Guarani, a primeira, a azul, ela foi uma caixa que saiu meio que em uma proposta junto com a exposição e ela foi uma caixa muito experimental e meio que colocou a exposição dentro da caixa. A caixa dos 12 mil anos já teve um projeto que pensou na exposição e na caixa educativa. Então eles já sabiam que o material seria outro, foi pensado muito como botar o material, saiu àqueles mapas, aquela lona foi no último momento que elas pensaram. Foi pensado muito se iam ou não colocar as réplicas, faz não faz e como ia ser feito isto. Conseguiram fazer as réplicas em resinas, então não é o mesmo material da exposição, é uma síntese da exposição. Ela já teve um projeto de caixa menos artesanal que é a caixa dos Mbyá-Guarani.

Perguntei sobre as avaliações das caixas educativas acessíveis e se algumas delas saíram do Museu. A Lígia me respondeu que a Mbyá-Guarani nunca saiu

porque ela não existe na prática então vão ter que fazer esta caixa. Perguntei para ela que somente a Márcia usou esta caixa. Lígia responde que ela ficou pronta, mas que não houve demanda, pois ela nunca chegou a sair. Perguntei sobre a 12 mil anos e a Lígia me respondeu que ela também não saiu, pois, a acessível ainda não está finalizada, pois ela ficou emperrada no INCLUIR.

Quando o Museu recebe o formulário de solicitação da caixa pelo professor pelo site e eles conversam com ele (a) e não dá a informação ao Museu que precisa da acessível e que ele tem alunos com alguma dificuldade e eles não podem saber. O museu está falhando muito nesta comunicação com a escola que o setor educativo não sabe fazer.

Perguntei se as caixas só podem ser solicitadas por professores, mas a Lígia me informou que além destes, alunos, pesquisadores e qualquer pessoa pode fazer a solicitação. E as caixas são muito usadas para estágios em escolas.

Após a finalização da entrevista tirei fotos das duas caixas acessíveis.

APÊNDICE B - Transcrição da entrevista com o professor Eduardo Cardoso

Sobre a produção da caixa Mbyá-Guarani ele me informou que na época foi contratada a empresa Mil Palavras para fazer a audiodescrição do DVD, foi escolhido às peças, os animaizinhos em madeiras e a descrição dos mesmos com fichas. E com estas fichas os alunos tocariam os animaizinhos lendo ao mesmo tempo a descrição deles nas fichas, ele fazendo a audiodescrição. A data de produção da caixa foi em 2013 e a ideia de fazer ela surgiu em uma conversa informal já que ele a professora Jeniffer estavam no grupo de acessibilidade. E nesta época da produção da caixa o professor que foi mais atrás para fazer o orçamento da empresa para audiodescrição, ele contratou a Letícia e organizaram tudo, e também tinha o Carlos Eduardo que trabalha no Museu e também ajudou.

Depois repassei um pouco do que conversei na semana anterior com a Lígia Fagundes, sobre a caixa Mbya-Guarani no qual ele participou da produção, nunca ter ido para nenhuma escola. Ele me respondeu dizendo que quando finalizou sua tese de doutorado doou o que ele produziu durante sua pesquisa ao Museu de Porto Alegre poder utilizar, mas não é usado, pois a instituição não tem um programa contínuo que traga escolas de fora para usar estes materiais. Eles aguardam o contato de quem pede e a Márcia dos Santos conforme com quem ela conhece ela agenda. E isto não é do Educativo do Museu e sim da Márcia. Então falei para ele que isto deveria ser algo de partir do conjunto. Então ele me disse para não estranhar este tipo de situação que não acontece só no aqui, isto é de vários Museus, pois não tem esta cultura do educativo trabalhar com todos os públicos, talvez sendo uma certa insegurança. Ele me relatou sobre uma visita no Centro Cultural Santa Casa colocaram algumas coisas novas lá (como legendas em braille nas exposições), mas não sabe como é o educativo de lá. Comentei para ele sobre a dificuldade do Museu da UFRGS em divulgar as caixas educativas acessíveis e ele me falou que a Lígia chegou a comentar sobre isto, talvez pelo museu tiver que levar e buscar a caixa. Por este motivo a caixa fica dentro da universidade nesta, pois a gestão do empréstimo das caixas da responsabilidade de levar e de trazer e isto eram muito difíceis e muitas vezes as escolas querem e também não tem estrutura para buscar. É muito mais em iniciativas isoladas, como o professor que quer usar, do que uma escola ou universidade ter uma estrutura.